

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA¹

CHURCH OF OUR LADY OF THE ROSARY OF BLACK PEOPLE AS A MEMORY SPACE

Francisco Isaac D. de Oliveira^()*

Resumo

Este trabalho buscou compreender como a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é identificada e percebida pelos moradores do seu entorno. Sabemos que a igreja presenciou vários momentos da comunidade e foi testemunha das mudanças ocorridas (no traçado urbano natalense e paisagístico) no bairro de Cidade Alta no município de Natal no Rio Grande do Norte, segundo Luis da Câmara Cascudo no seu livro “História da cidade do Natal”. A falta de informações sobre o patrimônio relega a igreja a invisibilidade urbana e a um esquecimento perigoso para o patrimônio artístico local, pois as pessoas que poderiam cuidar do espaço, por falta de identidade contribuem para a depredação. A pesquisa tem a pretensão de perceber a importância desse espaço social para a memória local e contribuir com as discussões historiográficas regionais, colaborando com a história do Rio Grande do Norte. A metodologia utilizada na pesquisa foram entrevistas orais (por meio de questionários) e revisão bibliográfica. A temporalidade para buscarmos entender os conceitos de espaço, patrimônio e memória está compreendido entre as décadas de 1980 e 1990, século XX, e espalha-se até o início dos anos 2000 do século XXI. Fizemos ainda, a transcrição dos resultados das entrevistas que nos mostraram uma dada visão da população local sobre seu conhecimento de espaço e memória.

Palavras-chave: Espaço. Memória. Igreja do Rosário. Patrimônio. Natal.

Abstract

This paper shows an overview about how Church of Our Lady of the Rosary of Black People is perceived by surrounding residents. We know this church witnessed several moments in the community and the changes taken place (in Natal urban landscape) in Cidade Alta neighborhood. Luis da Câmara Cascudo, in his book "History of the city of Natal", points it out as the humblest temple of Natal. Ignorance of this patrimony relegates the church to urban invisibility and social oblivion, which is a danger to local artistic heritage, because people who could preserve end up contributing to deprecating the place by account to their non involvement. We intend to clarify the importance of this social space for local memory and to contribute to the regional history. In this way, collaborating with Rio Grande do Norte History. We used as research source an oral quizz applied to some nearby residents, and a bibliography of local and national authors in pursuit of understanding the studied epoch (1980 and 1990 decades, spreading until the beginning of 2000s). The quiz allows us to perceive people's view of the church in terms of memory and space.

Keywords: Space. Memory. Church of Our Lady of the Rosary of Black People. Patrimony. Natal, Brazil.

¹ Artigo apresentado para Revista Relicário. Este texto foi originalmente escrito para à disciplina Memória e Oralidade, contou com a valiosa orientação do Professor Dr. Helder A. M. de Macedo.

^(*) Historiador formado pela Universidade Potiguar 2009; Mestre em História e Espaços pelo PPGH-UFRRN 2013; Especialista em Literatura e Ensino pelo IFRN 2015, atualmente é aluno no doutorado pelo PEPG em História PUC-SP. **Email: isaacdantassotemum@hotmail.com**

1 INTRODUÇÃO

*“Odô, axé odô, axé odô, axé odô,
Odô, axé odô, axé odô, axé odô.”*

*Isso é pra levar no ilê
Pra te lembrar do badauê
Pra te lembrar de lá*

*Isso é pra te levar no meu terreiro
Pra te levar no candoblé
Pra te levar no altar*

*Isso é pra te levar na fé
Pois Deus é brasileiro
Muito obrigado axé*

*Ilumina o mirim orumilá
Na estrada que vem a cota
É um male é um maleme
Quem tem santo é que entende*

*Quanto mais pra quem tem ogum missão e paz
Quanto mais pra quem tem ideais e os orixás*

*Joga as armas pra lá
Joga, joga as armas pra lá
Joga as armas pra lá
Faz a festa”.*

(Trecho da música “Muito obrigado axé.” de Carlinhos Brown)

Tentar conhecer o passado de um espaço geográfico inserido numa certa temporalidade é uma preocupação da ciência histórica, para citar o professor Durval Muniz em seu texto “O Tecelão dos Tempos”, é o historiador quem investiga e tece a teia das temporalidades: “um trabalho de fabricação de uma narrativa, de um artefato escriturístico; um trabalho de fabricação dos acontecimentos do passado.”²

Logo, buscamos aqui rememorar a história da “monumentalização” do patrimônio, ou seja, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Natal, buscando entender sua importância como espaço de memória para os moradores do bairro de Cidade Alta, onde fica situado o templo católico. Sabemos que essa pode ser uma tarefa difícil. Pois dado à distância temporal que nos separa (pesquisador e objeto de pesquisa). Entender os significados de um espaço de memória para as pessoas que frequentaram ou que na atualidade continuam frequentando é um trabalho muito custoso, porém necessário, para entender a história local e conjuntura social atual.

² Conferência apresentada no III Encontro Estadual de História – ANPUH/RN – UERN - Mossoró em junho de 2008.

A igreja, templo sagrado da religião Católica é um espaço para reflexão, oração, penitência espiritual e lócus de demonstrações barrocas da religião cristã.

Segundo um legislador eclesiástico do século XVIII em sua obra “Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia de 1707”, a igreja era o espaço para evitar abusos e indecências dentro da Casa do Senhor, em suas linhas, ele nos informa: “As igrejas são para se exercitar nelas atos de devoção e humildade e não de vaidade e ostentação, e quanto maiores forem às pessoas, tanto maior é a obrigação que lhe corre de darem exemplo aos outros nesta matéria”³.

O conselho dado pelo religioso mostra que a igreja é o local para a humildade, ser modesto, é o local para a reflexão espiritual, não sendo um espaço propício para excessos.

A religião Católica foi predominante na Capitania do Rio Grande durante todo século XVIII. Não fugindo à regra, os cativos negros que desembarcaram na capitania também foram iniciados no catolicismo, essa iniciação teve várias “portas” de ingresso⁴.

As igrejas católicas foram utilizadas no período colonial pelas comunidades negras de variadas nações africanas, esses escravos interagiam no campo e na cidade, e em Natal podemos encontrar o mesmo fenômeno, a igreja do Rosário congregava homens e mulheres, negros livres e cativos, nesse sentido, a igreja se convertia num lugar seguro, onde os frequentadores escravos podiam fortalecer seus laços fraternos e familiares dentro de um sistema estruturalmente perigoso para esses, além de poderem realizarem seus cultos religiosos em prol do bem comum de seus frequentadores.⁵

O objetivo dessa pesquisa é entender como os moradores da vizinhança desse espaço percebem e interagem com esse patrimônio histórico. A historiografia local não ajuda muito na busca de fontes bibliográficas ou iconográficas sobre a igreja do Rosário em Natal, um dos poucos pesquisadores que escreveram poucas linhas sobre esse templo

³ Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia de 1707.

⁴ Para serem inseridos (os escravos) plenamente no sistema colonial a religião funcionou como mecanismo de identidade dentro do mundo português, segundo os historiadores Mary del Priore e Renato Venâncio: “A religião era uma forma de identidade, de inserção num grupo social – numa irmandade ou confraria, por exemplo – ou no mundo.” (Religiosidades na colônia *In*: Uma breve história do Brasil. del PRIORE & VENANCIO, p. 28, 2010).

⁵ A igreja do Rosário também se constituía em um espaço para as irmandades religiosas: “O tipo de agremiação na qual se reuniam os negros do Seridó (e de toda a Capitania) foi frequente no período colonial, cuja relação da religiosidade negra com a Igreja Católica passa por um sincretismo religioso, em que as confrarias formadas ficavam sob a evocação de santos, poder-se ia dizer que próprios, como São Benedito, Santa Efigênia, Santo Onofre, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Rosário, além de outros, sendo que esta última foi a mais aceita pelos negros no Brasil” (BORGES. *Revista Mneme*. 2008).

foi antropólogo, sociólogo e historiador Luis da Câmara Cascudo, este continua sendo um dos maiores autores sobre a história do Rio Grande Norte, mesmo com pouco conteúdo dedicado a igreja do Rosário, ainda é o maior expoente quando se trata desta igreja. Para aumentar nosso grau de dificuldade, vamos tentar compreender como a memória pode ajudar na manutenção dos espaços? Como o esquecimento influencia para a degradação do patrimônio?

Vamos ainda discutir o conceito de sincretismo, essa palavra antagônica a sincronia. Por sincronia o senso comum entende que é o ato de entendimento, não há diferença, é igual, está em perfeita harmonia. Já o sincretismo é a diferença de ideias, discursos antagônicos, mas que podem estar juntos, mostrando ambas as partes resquícios de originalidade de formas e sentidos. O sincretismo para o senso comum pode ter elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns traços originários.

Esta reflexão é pertinente pois a igreja foi erguida por escravos, para negros escravos, num período onde os espaços urbanos de Natal estavam em lenta evolução, a construção da igreja pode ser inserida dentro de um novo sistema de culturas, onde o cristianismo e as religiões vindas da África puderam conviver mutuamente, interagindo na América portuguesa. O sincretismo religioso fez católicos e escravos conviverem dentro do mesmo espaço encontrou terreno fértil abaixo da linha do Equador⁶.

Como mencionado acima, numa terra longínqua, ainda em formação e consolidação do poder do estado, o governo português e o poder do clero religioso eram os responsáveis por organizar e manter a ordem colonial, dada as dimensões territoriais do Brasil. Governo e religião tiveram que atuar em conjunto para educar e civilizar índios, negros africanos e mesmo os colonos europeus. Muitas vilas e comunidades não tinham representações políticas, as vezes alguma igreja, mas isso era raro.

Para ratificar a ideia defendida aqui vamos utilizar o pensamento do pesquisador Luis Mott:

⁶ Ainda usando os estudos do Antropólogo Luis Mott; vamos utilizar um exemplo demonstrado por esse autor: “Na alma barroca dessa africana (Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz), fortemente marcada pelo imaginário religioso europeu, havia lugar para sincréticas intimidades com o sobrenatural – por exemplo, ao divulgar que o Menino Jesus vinha diariamente pentear-lhe sua dura carapinha e que, em agradecimento por esse mimo, Rosa Egípcíaca, tal qual as amas-de-leite que abundavam no Brasil escravista, ela própria dava de mamar ao Divino Infante em sue negro peito.” (p. 183, 1997). Tal demonstração de intimidade com o menino Jesus é um exemplo da vida íntima que as pessoas levavam na colônia portuguesa, esse ato de proximidade com o sagrado é uma prática recorrente trazida pelos povos africanos para a América portuguesa.

Portanto, o colono, ao transferir-se da Metrópole para a América lusitana, perdia muito da regularidade e frequência da tradicional vida religiosa comunitária: no Reino o número de templos, pastores e festividades sacras era muito maior do que na Colônia. Aqui, muitos e muitos dos moradores passavam anos sem ver um sacerdote, sem participar de rituais nos templos ou frequentar os sacramentos. Tal carência estrutural levou de um lado à maior indiferença e apatia de nossos antepassados ante as práticas religiosas comunitárias, do outro, ao incremento da vida religiosa privada, que, na falta do controle dos párocos, abria maior espaço para desvios e heterodoxias. (MOTT, p. 163. 1997).

Viver distante das cidades que conseguiam manter um calendário religioso mais ativo (com festas, cerimônias e ritos), fez com que muitos desvios fossem aceitos na América portuguesa, essa ausência deixou margem para que o sincretismo pudesse se desenvolver entre cristãos e outras formas de sentir o sagrado-espiritual, pois não havia a preocupação com os olhos de pessoas que denunciasses essas práticas. Aqui na América, existem vários exemplos de “misturas” religiosas entre divindades indígenas, africanas e cristãs.

2 REVIVENDO AS MEMÓRIAS

Como nos informa Luis da Câmara Cascudo “a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é o templo mais humilde da cidade do Natal.” (CASCUDO, 1999, p. 101)⁷. Verdadeiramente humilde nas palavras de Cascudo, seu ambiente interno austero, de um branco que caracteriza as construções de pedra e cal do período colonial servia como espaço pedagógico, onde as orações religiosas e o culto ao Deus onipresente eram entoados e ensinados, o único som a ser ouvido nesta igreja possivelmente era a oração. Nesse ambiente religioso o correto era refletir sobre a vida dos santos e buscar se aproximar do vivido por eles, buscando os exemplos da vida sagrada. Todo esse cuidado se constituía numa verdadeira paixão e zelo nos ensinamentos religiosos, essa

⁷ Luis da Câmara Cascudo, historiador oficial do município de Natal tem em sua produção historiográfica uma extensa lista de trabalhos dedicados à municipalidade (entende-se aqui pela cidade do Natal), como também ao Estado do Rio Grande do Norte. Em seu livro “História da cidade do Natal”, Cascudo dedica uma pequena história aos templos da cidade, o seu critério na apresentação desta história é a antiguidade da construção das igrejas; a segunda na ordem de apresentação é a igreja do Rosário dos pretos, segundo templo cristão. O autor informa a dificuldade de se encontrar as fontes para a pesquisa: “passa sem registros nas crônicas de outrora”, este aparente silêncio relatado por Cascudo é o grande empecilho no seu discurso, as considerações feitas por este historiador são muito simplistas, acreditamos que são fruto da observação contemporânea do seu tempo, ele utiliza a experiência vivida em loco para realizar a sua epistemologia no refletir a igreja do Rosário, não existe indicação de documentação escrita (fontes primárias) nem mesmo orais, para a sua consideração sobre a simplicidade da igreja ele usa a observação, para comprovar o nosso pensamento vamos recorrer as linhas do próprio Câmara Cascudo, “Mas uma visita serena à sua pobreza silenciosa, denuncia a antiguidade da construção. É o tipo de igreja primitiva, simples.” (p. 101, 1999). É assim, usando como métodos de pesquisa a visitação de campo, que Cascudo constrói a sua reflexão sobre o Rosário.

prática religiosa tinha que ser seguida para manutenção da fé cristã entre os níveis sociais de Natal.

Compreender o contexto histórico para “chegar” o mais próximo possível da criação do espaço sagrado é sublinhar o caráter impar do Rosário. Sabemos que os custos financeiros eram altos e a burocracia eclesiástica para autorização da ereção dos templos era lenta, esses processos dificultavam o início da construção. Segundo Cascudo (p. 101. 1999), ela foi erguida provavelmente entre os anos de 1713 e 1714⁸, muito simples, “com o seu ar de capelinha rural”, essa afirmação bucólica aos olhos de Luis da Câmara Cascudo descortina uma paisagem para a cidade de Natal ainda rural, a imagem fortemente ruralizada nos induz a imaginar que Natal era uma cidade pequena, pacata e com forte vocação ao campo. A cidade de Natal cresceu muito lentamente, o cronista inglês Henry Koster em pleno século XIX ainda corroborava a ideia que Natal era demasiadamente pequena para ser conhecida como cidade, ironicamente Koster não via muita diferença na Natal imaginada e descrita por Cascudo. Lendo a crítica de Koster podemos entender que:

Um estrangeiro que, por acaso, venha a desembarcar nesse ponto, chegando nessa costa do Brasil, teria uma opinião desagradável do estado da população nesse país, porque, se lugares como esse são chamadas cidades, como seriam as vilas e aldeias? (KOSTER, p. 119, 2003).

Os séculos XVII e XVIII não foram tempos fáceis, foram dias difíceis, com uma fixação à terra complicada, cheia de lutas armadas contra o índio, a capitania do Rio Grande talvez tenha sido a última capitania a experimentar uma colonização pacífica, as Guerras Bárbaras cobraram alto custo de vidas e uma violência contra o nativo raramente vista em outros lugares na América. Durante a colonização no século XVIII, a capitania do Rio Grande experimentou um furtivo interesse da população em deslocar-se para o sertão, buscando fixar cidades nas ribeiras dos grandes rios, essa tentativa de colonização pode ser caracterizada como controversa, pois a economia pecuária de gado vacum implementada no Rio Grande evoluiu ao custo de muitas vidas.

Os pastos do interior estavam sendo ocupados pelas cabeças de gado que os colonos portugueses levavam na tentativa de domar os sertões, esse tipo de empresa colonial desapropriou os povos potiguares de suas terras ancestrais, causando violentos

⁸ Nesta época 1713/1714, a capitania estava em um momento de transição política-administrativa, saía o Governador-mor Salvador Álvares da Silva e entrava no governo da capitania Domingos Amado, nesses dois governos a administração e a sociedade tiveram de lidar com as constantes revoltas indígenas no sertão potiguar, principalmente na ribeira do rio Açu, tal instabilidade só foi resolvida com o comando de Pernambuco, quando esta província resolve enviar ajuda através dos terços paulistas.

conflitos que ainda eram réplicas das guerras barbaras. Mesmo assim, esse tempo se caracterizou como economia pecuária de gado, esse desenvolvimento econômico financiou alguns segmentos sociais⁹.

O século XVIII, a colonização em Natal teve um período relativamente brando, porém no sertão ainda podia haver conflitos entre índios e colonos. Na capital foi possível concentrar esforços na construção de outros prédios e espaços de sociabilidade, tais como: igrejas e palácio do governo. Esse interesse em expandir o traçado urbano da cidade vem de um excedente econômico advindo também da criação de gado, que favoreceu toda a população colonial, incluindo aí as comunidades de escravos africanos, pois puderam obter financiamento dos grandes criadores de gado que mantinham residência na capital para construção da igreja do Rosário.

De acordo com a pesquisadora Jeanne F. Nesi, a igreja do Rosário dos Pretos “foi construída com capela-mor, naves principal e lateral, coro, sacristia e torre.” (p. 18. 1994). O ambiente interior da igreja foi constituído por uma simplicidade estéril, bem ao modo colonial vigente à época, toda essa simplicidade pode ser interpretada também como falta de recursos financeiros para contratação de artífices especializados em decoração barroca, talha em madeira e ouro e pintura, mesmo contando com poucos recursos não foi suficiente para decorar a igreja com a riqueza visual de outras igrejas em Olinda, Recife, Salvador e João Pessoa.

O Rosário foi o segundo templo Católico da cidade do Natal. Este espaço, era a única “alegria” oficialmente concedida aos escravos locais, reservado aos cantos, louvores e proferir a fé africana em terras coloniais.

A história de Natal transcorre na longa duração, é uma história pontilhada e lenta. Koster, descreve já no século XIX a cidade da seguinte forma:

⁹ “O final do século XVII e início do século XVIII configuram o momento da expansão territorial e o povoamento da colônia, trazendo, inclusive, modificações nos limites das fronteiras, como pode ser visto pelo Tratado de Tordesilhas. É do conhecimento geral que a ocupação econômica do Brasil teve sua efetivação fundamentada na agromanufatura do açúcar, e com a força de trabalho do escravo negro. Nesse momento surgia uma nova e melhor ocupação que exigia menos esforços e menor investimento.” (MARIZ, p. 107, 2005). Ainda segundo a mesma autora; “O século XVIII caracteriza na Capitania do Rio Grande o período da interiorização do povoamento. As lutas contra os índios tiveram como resultado o conhecimento de quase todos os caminhos dos sertões. A pacificação e o aldeamento dos índios em Missões dirigidas pelos jesuítas, deu início à disputa pelas terras, principalmente na região das ribeiras do Açu onde as condições do pasto eram as melhores. A concessão de sesmarias para criação de fazendas de gado fixou a população e originou o ciclo do gado. Início-se uma fase de produtividade e colonização efetiva da capitania.” (p. 108-109, 2005).

As construções foram feitas numa elevação a pequenas distâncias do rio, formando a cidade propriamente dita porque contém a Igreja Matriz esta consiste em uma praça cercada de residências, tendo apenas o pavimento térreo, as igrejas que são três, o palácio, a Câmara e a prisão. (KOSTER, p. 119-120, 2003).

Com a descrição feita por Koster podemos entender a paisagem urbana da Natal colonial. Nessa época, Koster nos informa que a cidade tinha por volta de seiscentos ou setecentos habitantes, alheio a precisão exata da população o certo é a precariedade do espaço, a minimização da demografia humana residente nesta localidade¹⁰ era visível para o cronista.

A pequenina Natal representada pelo número de seus residentes talvez não carecesse de muitos prédios públicos. O que possibilitou a construção da igreja do Rosário numa posição privilegiada dentro do espaço citadino.

Para Cascudo “é a igreja mais bem situada (...) erguida num cômodo, recebe o primeiro olhar do rio, na palpitação dos seus barcos e aviões trepidantes.” (p. 101. 1999). Mas como uma igreja destinada ao culto sincrético poderia ter uma vista e localização tão privilegiados? Pois estamos cercados por uma sociedade escravista, repleta de pré-conceitos étnicos e de cor e moral expostos à rua.

A visão empregada por Câmara Cascudo sobre a localização privilegiada da igreja é discutível, pois parte muito de suas impressões contemporâneas, muito provavelmente a construção da igreja se deu fora dos limites aceitáveis para a cidade, ou seja, ela estava fora dos limites reconhecidos pelas autoridades. Quando Cascudo afirma que “... é a igreja mais bem situada”, ele fala a partir de seu tempo, quase um erro anacrônico, muito embora a cidade fosse pequena, e tinha seus limites reduzidos, a permissão para a construção da igreja do Rosário se dá para além das fronteiras urbanas, tanto que a igreja é construída com seu frontispício voltada para o rio e de costas para a catedral velha, que o centro da cidade.

As razões dessa violência social é deixar os negros na invisibilidade, esconder sua religião e cultura. Vamos recorrer a mais uma citação do autor, na mesma obra:

Era, antes de tudo, a igreja dos pretos, dos pobres, dos escravos. Aí vinham cantar, com capelas, batuques gaitas, louvores inacabáveis ‘*Servite Domino in laetitia*’, aconselhava o salmista. Os negros obedeciam. *Serviam*. Sofrendo e cantando. Aí chegaram os primeiros congos dos crioulos, com a rainha, que era a negra Praça e o Rei Manuel Peregrino, ambos escravos. Nossa Senhora do Rosário, madrinha dos escravos, era a única alegria,

¹⁰ “Os registros da época, contidos na obra “A Razão do Estado do Brasil”, de Diogo de Campos Moreno, indicam que a população de Natal em 1607 atingia o número de 100 habitantes. No total da Capitania, talvez uns 300, com maior concentração fixada em Natal, e o restante espalhados por roças e fazendas”. In: MARIZ, Marlene da Silva. **História do Rio Grande do Norte**. 2. Ed. Natal: 2005.

oficialmente consentida e legalmente proclamada. Também naquele solo bendito, sepultavam o corpo abandonado dos que tinham sofrido a pena da morte. O alicerce dessa igreja é feito de escravos que só se libertaram no céu. (CASCUDO. p. 102. 1999).

Câmara Cascudo no seu texto, “romantiza” a condição dos escravos negros. Porém, sabemos por meio de uma historiografia renovada que essa condição de submissão total não é verdadeira. Cascudo faz uma leitura benevolente, interpretando de forma distorcida a realidade de uma sociedade cruel.

Com a ereção do templo católico, os negros bantos que Cascudo cita podiam sincretizar as religiões¹¹. O sincretismo é a mistura das relações humanas, cuja tendência é utilizar as relações apreendidas no mundo do outro para ressignificar seu próprio universo, segundo os próprios estudiosos cristãos que não somente reconhecem o sincretismo como ativo no processo de formação dos espaços coloniais, como também, de sua própria religião católica¹².

O catolicismo que aportou na América portuguesa era desenraizado, saído do seu lócus, deixou na Europa muitos ritos, muito embora tenha trazido outros, para se projetar em outro hemisfério. Os primeiros a experimentarem esta nova forma de catolicismo foram os índios; mais tarde, os negros que atravessaram o Atlântico numa viagem de violência e sequestro, os africanos trouxeram suas referências religiosas para colocar em prática com o cristianismo dos colonizadores europeus, dessa forma, estava lançado os alicerces das misturas sincréticas.

O sincretismo religioso foi um processo desigual entre as culturas envolvidas, existindo contribuições do conquistador e contribuições dos povos conquistados. No caso brasileiro, podemos ter duas visões sobre sincretismo, tanto a que considera como um ato de domesticação, por parte do colonizador português, como forma de controle dos povos escravizados; como também podemos interpretar como forma de resistência

¹¹ Considerando o termo sincretismo na matriz sociohistórica, “O conceito de “pureza” e seu oposto, a “mistura”, ou o “sincretismo”, são sempre construções essencialmente sociais e tendem a aparecer frequentemente em situações de disputa de poder e hegemonia (...) “Pureza”, “mistura” e “sincretismo” são, portanto, conceitos sempre e por definição etnocêntricos.” (FRY. pp. 40-43, 1984 *In*: SANCHIS, Pierre.) Além desta citação, para saber mais sobre os conceitos de sincretismo ver os estudos de FRY, Peter. Reflexões sobre a II conferência mundial da tradição dos Orixás e Cultura: de um observador não participante. Comunicação do J.S.E.R, ano 3, nº 8. 1984.

¹² O sincretismo ainda pode ser entendido como um embate pelo qual as sociedades humanas são levadas a entrar num processo de redefinição de sua própria identidade, quando confrontadas com o sistema simbólico de outra sociedade.

dos negros escravos na colônia americana¹³. O pesquisador Luis Mott nos explica como era ser católico displicente inserido na sociedade colonial, segundo ele:

Evitavam os sacramentos e demais cerimônias sacras não por convicção ideológica, mas por indiferença e descaso espiritual, muitas vezes incluindo em seu cotidiano ‘sincretismos’ heterodoxos; eram Pseudocatólicos: boa parte dos cristãos-novos, animistas, libertinos e ateus, que apenas por conveniência e camuflagem, para evitar a repressão inquisitorial, frequentavam os rituais impostos e controlados pela hierarquia eclesiástica mas que mantinham secretamente crenças heterodoxas ou sincréticas. (MOTT. p. 175. 1997).

Com o conceito utilizado por Mott para explicar o católico displicente podemos entender melhor a vida religiosa das pessoas que frequentavam a igreja do Rosário na cidade de Natal no período colonial¹⁴.

Com uma pluralidade imensa de identidades étnicas em um só território, as irmandades religiosas surgem para congregar e apaziguar o caldeirão de culturas, seguindo o pensamento de Borges e João José Reis:

Assim, as irmandades podem ser entendidas como associações formadas por grupos de pessoas, que tendo afinidade ou interesse entre si, estabelecem normas visando o implemento de atividades em favor do bem comum. ‘No caso das agremiações formadas por homens de cor, estas representavam, segundo José Reis, um espaço para exercer uma relativa autonomia e construíram identidades sociais significativas, no interior de um mundo às vezes sufocante e incerto’” (BORGES & REIS. Revista Mneme).¹⁵

¹³ “O sincretismo não representa apenas concessão de escravos a senhores ou de senhores a escravos, disfarce de negros amedrontados. Ao contrário, possui um aspecto de legítima apropriação dos bens do opressor pelo oprimido.” (SANTOS. p. 28, 1977 & MOTTA. p.7, 1982). Para saber mais sobre este debate, ver os estudos dos autores: SANTOS, J.E. dos. A percepção ideológica dos fenômenos religiosos. Revista de Cultura Dozes, n° 7. 1977. & MOTTA, Roberto. Bandeira de Alairá: a festa de Shangô – São Jorge e problemas do Sincretismo, In: C.E.M. de Moura (org.) Bandeira de Alairá, São Paulo, Nobel. 1982.

¹⁴ Para entender melhor sobre as irmandades do Rosário é preciso discorrer sobre o seu contexto europeu. “As irmandades do Rosário surgiram sob a inspiração de São Domingos de Gusmão, pelos idos do ano de 1282, ao fundar várias confrarias em Portugal, França e Espanha. Sem muita aceitação por parte dos fiéis, estas irmandades aos poucos foram levadas ao esquecimento, só marcando um retorno mais decisivo cerca de dois séculos depois, quando da colonização europeia em terras africanas” (GRESELE. 1968 In: BORGES. Revista Mneme, 2008). Ainda sobre este assunto, essas irmandades criaram no Brasil uma verdadeira trama de relações entre seus confrades, “no Brasil as irmandades e ordens terceiras, vinculadas à tradição medieval das confrarias, irão constituir uma das formas mais comuns de agremiação leiga, cujo intuito era o de promover o caráter religioso e assistencial aos seus membros. O objetivo funcional dessas irmandades é considerado pela igreja Católica, através do código do Direito Canônico, nas quais “funcionaram como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social.” (BOSCHI. p. 14, 1986 In: BORGES. Revista Mneme, 2008).

¹⁵ As igrejas do Rosário construídas tanto em Natal (nosso objeto de estudo), quanto à irmandade e posteriormente a capela do Rosário de Caicó no Seridó são contemporâneas. Ambos os templos foram erguidos no século XVIII. Primeiro na capital da capitania e anos depois no sertão. “Foi seguido os moldes já estabelecidos na fundação e construção dos parâmetros da Igreja do Rosário de Natal, que surgiu a Irmandade do Rosário dos Pretos de Caicó, criada em 1771 e reunindo-se no consistório da Matriz de Santana, provavelmente seguindo um costume geral entre essas irmandades, ou seja, dispondo

Figura 1 - Coleta de esmolos para a Igreja do Rosário em Porto Alegre. Aquarela sobre papel; 14,7 x 20 cm



Fonte: Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.
Assinada e datada embaixo à esquerda, “J.B. Debret Rio de Janeiro 1828”.

Esta aquarela de Debret, nos auxilia na tentativa de imaginar como eram as cerimônias sincréticas nas igrejas católicas da capitania do Rio Grande colonial. A cena em questão representa os reis negros da Igreja de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Porto Alegre no Rio Grande (Sul)¹⁶; a cerimônia negra ilustra o que já foi citado neste trabalho pelo o antropólogo Luis Mott.

Mas outras informações adicionais nos chegam através da descrição do artista Jean-Baptiste Debret, com perspicácia de cronista de sua época, ele relata: “É sabido que a devoção dos negros católicos do Rio de Janeiro contribuiu, com suas esmolos, para a construção de diversas igrejas. A mais notável era a que começou a ser construída no Largo de São Francisco de Paula.” (DEBRET *In*: BANDEIRA & LAGO. p. 155. 2009). Com tal informação, podemos comparar a construção da Igreja do Rosário em Natal com a realidade apresentada por Debret, tendo sido um esforço da comunidade escrava para ser construída, o templo religioso logo se converteria num espaço

apenas de altares laterais nas igrejas matrizes para a realização de seus cultos, mas buscando angariar bens que garantissem a construção de um templo próprio.” (BORGES. Revista Mneme, 2008).

¹⁶ A cena pitoresca que Debret nos ajuda a pensar, além de ser uma representação cheia de cores e expressividade pode nos levar mais adiante nos nossos estudos. Ela nos revela uma organização da instituição que era essas confrarias religiosas, a mesa mostra o Rei e a Rainha escolhidos naquele ano. Em se falando de administrar, os negros eram organizados e a eleição para votar a mesa administrativa segundo a pesquisadora Claudia Cristina Borges era assim: “A mesa administrativa representava a formação do corpo jurídico da irmandade, a qual deveria ser composta por um corpo básico, como o juiz e juíza, escrivão e escrivã, procuradores, tesoureiro, rei rainha, sendo que as irmandades não seguiram uma regra geral na composição desses cargos.” (BORGES. Revista Mneme, 2008).

privilegiado, onde a população escrava pudesse manifestar suas crenças religiosas com mais liberdade.

Na iconografia apresentada aqui, podemos observar que no centro da imagem estão os reis negros eleitos naquele ano numa festa, esta afirmação nos é passada por Debret:

Desde a chegada da Corte ao Rio de Janeiro, proibiram-se aos negros as festas com fantasia, extremamente barulhentas, que se comemoravam em certas épocas do ano em homenagem a sua terra natal. Essa proibição privou-lhes também de uma cerimônia extremamente tranquila, (...) que haviam introduzido no culto Católico. Por esse motivo, somente nas outras províncias é que se encontra a eleição anual de um rei, uma rainha e um capitão da guarda, tal como representado no desenho. (DEBRET *In*: BANDEIRA & LAGO. p. 155, 2009).

A aquarela ainda mostra o momento das doações, mulheres se apressam em depositar as contribuições em uma bandeja posta na mesa ricamente decorada com uma toalha vermelha. Do lado esquerdo da imagem podemos ver músicos, a impressão que temos é que a festa era organizada e bem animada¹⁷, crianças também participam da cena, dois cães são representados num esforço de mostrar que toda a cena se passa no ambiente externo à igreja.

Depois de uma breve explanação sobre História do lugar, do espaço sagrado, vamos começar a caminhar pelas teias das lembranças, e o autor Pierre Nora vai nos ajudar a percorrer essa trama de memórias. Mas antes de citarmos Nora, observemos um conceito de memória instituído por Jacques Le Goff, ele nos ensina que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF. p. 423. 1996).

Le Goff conceitua a memória vista como um mecanismo orgânico/cognitivo, responsável pelas lembranças que estão guardadas numa psique neurológica. Ela pode

¹⁷ Segundo João José Reis em um artigo publicado na Revista eletrônica 'Tempo' do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Este pesquisador faz um relato sobre as festas dos negros neste período. "até o Brasil Império, essas irmandades religiosas configuravam o principal veículo do catolicismo popular, pois que, pela atenção devotada a um santo específico, em troca da sua proteção, os devotos ofereciam-lhe exuberantes homenagens através das festas. Com isso, além de envolvimento espiritual, as suas relações sociais permitiam a manutenção de suas antigas tradições africanas através dessas festividades configuradas nas pessoas do rei e da rainha, cujo prestígio são tributadas homenagens e respeito, chegando a ocupar lugar de destaque durante as festividades." Ainda, para citar outra autora que observou o evento festivo nesta época; "cada irmandade deveria ter um rei e uma rainha, escolhidos pelos irmãos. Geralmente, essa escolha era feita anualmente, em eleições juntamente com os outros membros da Mesa e coroados no dia da festa do Rosário. Essas festas muitas vezes chagavam ao esplendor pelo colorido de seus trajes cheios de jóias e adereços, e pela sua exaltação na dança, que simulava uma guerra com choque de armas brancas." (BORGES. Revista Mneme, 2008).

ser seletiva, pois como o autor fala, a memória está sujeita a atualizações constantes, isso nos ajuda a entender o esquecimento pelo qual passou a igreja do Rosário (sendo essa a problemática deste trabalho), deixada no baú sombrio do esquecimento da comunidade.

Pierre Nora nos ensina que:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa. Simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional. (NORA. p. 21. 1993).

Pierre Nora usa como exemplo a ambiguidade dos lugares para explicar as formas de armazenamento e lembrança ou o desprezo e esquecimento, ou seja, o valor sentimental que é dado aos espaços e lugares pelas pessoas é fundamental para a preservação e conservação, por exemplo, da igreja do Rosário dos pretos de Natal.

A memória segundo Jacques Le Goff sofre inúmeras atualizações, lembranças importantes podem cair no ostracismo do esquecimento; Nora em seu estudo percebe os espaços como símbolos, são funcionais, estes espaços existe para não serem esquecidos, mas depende muito dos significados dados pelas pessoas a estes mesmos lugares, a igreja do Rosário dos Pretos passou por esta prova de fogo e durante muito tempo ficou esquecida e fechada.

Pollak faz uma discussão muito pertinente sobre o ponto debatido por nós nesta pesquisa.

Em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Entre eles inclui-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias? (POLLAK. p. 3. 1989).

3 AS LEMBRANÇAS DA COMUNIDADE

As lembranças do corpo social são responsáveis pela construção do alicerce das memórias. A apropriação das representações sociais, espaciais e memórias constroem os grupos sociais, dessa forma, se constituem em uma via de mão dupla. As trocas entre elas são descartadas, rememoradas e/ou atualizadas, isto é, consequência da pluralidade encontrada em todas as sociedades.

Perceber, estar, trocar experiências e lembranças é uma tarefa social importante para manutenção das memórias coletivas. O sociólogo Maurice Halbwachs nos ensina que:

De todas as ‘interferências coletivas’ que correspondem à vida dos grupos, a lembrança é como a fronteira e o limite: ela está na interseção de muitas correntes do ‘pensamento coletivo’. É por isso que sentimos tanta dificuldade para lembrar acontecimentos que só dizem respeito a nós mesmos. Vemos então que não se trata mais de esclarecer uma essência ou uma realidade fenomenal, mas de compreender uma relação diferencial... (p. 13, 2006).

Halbwachs, em seu clássico texto “A memória coletiva” enfatiza a importância das lembranças do “corpo coletivo”. Logo, o nosso interesse em estudar as memórias coletivas do espaço da igreja do Rosário em Natal é por meio deste investigar o passado de um patrimônio artístico (de pedra e cal), sendo o “corpo social” importante para buscarmos respostas nas lembranças dos frequentadores da igreja, ou seja, acima de tudo nos interessa as lembranças coletivas.

O coletivo entende-se aqui por lembranças em comum, experiências em conjunto como missas, novenas, ritos e festas dão ao grupo unidade e estabilidade para a manutenção das memórias do espaço, eles são importantes para a coesão social.

As referências pessoais revelam um mundo de lembranças, essas remetem a um variado leque de memórias e sendo assim, cada indivíduo acha que conserva a sua, este pensamento é característico do senso comum. As lembranças sejam elas individuais ou coletivas são muito mais complexas.

Como se pode depreender do comentário acima:

Às encruzilhadas dos tempos sociais em que a lembrança está situada, correspondem as encruzilhadas do espaço, quer espaço endurecido e ‘cristalizado’ (“em toda uma parte de si mesmos os grupos imitam a passividade da matéria inerte”), quer extensões vivenciadas em que os grupos fixam, provisória ou definitivamente, os acontecimentos que correspondem a suas relações mútuas com outros grupos. (p. 15, 2006).

Como em uma encruzilhada de memórias e lembranças, segundo Halbwachs, existe uma trama, um emaranhado de experiências vivenciadas pelos grupos. Neste contexto o tempo e o espaço ocupam um lugar privilegiado para as pessoas, é neste ambiente que acontecem as trocas intergrupos.

Figura 2 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos antes de ser reformada pela Fundação José Augusto. Na imagem o templo religioso encontrava-se abandonado e praticamente destruído. Ano 1986.



Fonte: Arquivo da Paróquia de Natal.

A igreja do Rosário dos pretos é um espaço de significação, um lugar de memória, um cenário que serviu para as representações do cotidiano religioso católico, logo podemos lê-lo como Halbwachs nos ensina:

Não estávamos errados ao dizer que eles estão em volta de nós, como uma sociedade muda e imóvel. Eles não falam, mas nós os compreendemos, porque têm um sentido que familiarmente deciframos. São imóveis somente na aparência, pois as preferências e hábitos sociais se transformam e, quando nos cansamos de um móvel ou de um quarto, é como se os próprios objetos envelhecessem. (p. 158, 2006).

Um espaço cheio de movimento, o lugar, o espaço tem vida própria, interage e faz parte da vida humana e do cotidiano social. Nós o reconhecemos, damos sentido ao que nos cerca e quando a sensibilidade humana não lhe remete mais sentido, o espaço perde sua importância e sua identidade coletiva.

Halbwachs, leva em consideração: “quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta a coisas materiais que a ela resistem.” (p.159, 2006). Ou seja, o ser humano tende sempre a investir no molde de sua imagem, na sua cultura.

Subjugar o território ou o espaço é uma prática inerente ao homem, e quando não consegue a façanha de modificar o espaço a sua semelhança, onde ele possa se identificar, o homem e os grupos sociais começam a se adaptar, como diz o pesquisador às resistências materiais dos espaços.

Acreditamos que a igreja do Rosário, utilizado em outros tempos para a prática de sincretismo religioso pelos escravos urbanos¹⁸, numa conjuntura social diferente do nosso, é ainda um lugar onde não podemos apagar as marcas deixadas por estes escravos. “O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras.” (HALBWACHS. p. 159, 2006).

Com o ‘espaço de memória’, apagar não é uma tarefa simples, essas memórias e as pegadas deixadas no caminho da história se perpetuam, não podem ser apagadas das lembranças de grupos, pois o espaço é dinâmico e participa da vida social, “o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa.”¹⁹ (p. 159, 2006).

Escolhemos entrevistar os moradores do entorno por acreditar que esses são os frequentadores das celebrações religiosas que ocorrem na igreja aos domingos, pois compreendemos que:

Maurice Halbwachs evoca o depoimento da testemunha, que só tem sentido em relação a um grupo do qual esta faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum e, através desse evento, depende do contexto de referência no qual atualmente transitam o grupo e o indivíduo que o atesta.” (DUVIGNAUD, Jean. p. 12. *In*: “A memória coletiva. 2006).

Tal como Halbwachs, acreditamos que é “pinçando” peças que participaram do jogo do cotidiano que compreenderemos a situação atual das lembranças e a reconstrução do passado, ou seja, as memórias coletivas do espaço social²⁰.

¹⁸ Para saber mais sobre o assunto ver: SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. Os escravos na paisagem urbana *In*: ‘Negros brasileiros’- Encarte especial da revista Ciência Hoje. pp. 14-15, vol. 8. n°. 48. novembro de 1988. O escravo foi durante muito tempo invisível, visto apenas pela ótica do sistema escravista. O negro escravo estava inserido na paisagem urbana da seguinte forma: “na cidade para dar recados ou para prestar serviços. Seu trabalho era oferecido pelo senhor, ou mesmo por ele próprio. O escravo de aluguel, o escravo doméstico e o escravo de ganho levavam e traziam as riquezas, eram parte da vida da própria cidade.”

¹⁹ Isso é possível porque: “Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.” (HALBWACHS. p. 160, 2006).

²⁰ Com tal informação não queremos em hipótese alguma suprimir a memória individual ou eleger como única às memórias de grupos; mas é importante notar a observação que faz Maurice Halbwachs: “É claro, a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem.” (DUVIGNAUD. *In*: HALBWACHS. p. 12). Com tudo isso, para complementar. “Assim, a consciência jamais está encerrada em si mesma, não é vazia nem solitária. Somos arrastados em inúmeras direções, como se a lembrança fosse uma baliza que permitisse nos situarmos em meio da variação constante dos contextos sociais e da experiência coletiva histórica. Isso talvez explique por que razão, nos períodos de calma ou de momentânea imutabilidade das

A pesquisa contou com uma entrevista fechada, dada a nossa dificuldade de convencer os interlocutores a falar sobre a igreja²¹. Depois de algumas visitas a igreja, decidimos fazer um questionário com seis perguntas²² e visitamos o nosso espaço de pesquisa por três ocasiões para a coleta das respostas, nas últimas visitas conseguimos um total de dez entrevistados.

Decidimos que o nosso perfil seria pessoas adultas que nos relatassem como era a época da re-inauguração do Rosário, que aconteceu após uma reforma no prédio feita pela Fundação José Augusto, órgão responsável pelas restaurações dos monumentos históricos do município de Natal, isso aconteceu no ano de 1987.²³

Figura 3 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na época da restauração feita pela Fundação José Augusto. Ano 1987.



Fonte: Arquivo da Paróquia de Natal.

“estruturas” sociais, a lembrança coletiva tem menos importância do que em períodos de tensão ou de crise.” (DUVIGNAUD. *In*: HALBWACHS. p. 13).

²¹ “Conhecer e compreender o passado, seus vínculos com o presente, consiste primeiramente em conhecer e confrontar as narrativas que a memória histórica conservou e compôs, mas sem identificar uma dessas narrativas como a única que secreta a verdade histórica.” (FERRO, Marc. 1989, p. 123 *In*: OLIVEIRA. 2007, p. 11). Não queremos em hipótese alguma eleger uma única memória como verdade, como nos adverte Ferro. O silêncio que tivemos de enfrentar para entender a passividade das respostas acerca das nossas indagações, pode ter uma leitura estabelecida na ausência de identificação do corpo social atual com o templo/patrimônio. Com o fim do modo de escravismo compulsório os ex-escravos puderam obter uma relativa “liberdade” em representar a sua pluralidade religiosa. O templo Católico caiu assim no “esquecimento comum” a todos os espaços, quando um grupo social não remete mais uma demanda de sentimento e pertencimento aquele lugar; dando aquele espaço sentido onde eles possam se ver.

²² Ver em Anexos.

²³ Segundo Halbwachs, “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória.” (p. 60. 1990). Seria necessária uma conversa prolongada com moradores do entorno. Só assim íamos obter maiores referências históricas da época da reabertura do templo católico, com isso solucionaríamos as várias questões que propomos neste trabalho.

Dessa amostragem de dez entrevistados, tivemos as mais variadas respostas, mas todas indicando uma tendência²⁴.

Na primeira pergunta queríamos saber sobre qual era a importância daquele espaço de memória para as pessoas e 70% destas responderam que se identificavam com a igreja do Rosário; 10% não se identificavam e 20% só respeitavam o espaço por ser religioso e um lugar de missas aos domingos.

Depois perguntamos como elas caracterizavam a sociedade no entorno da igreja. Isso era necessário para conhecer melhor o nosso local de estudos e 80% responderam que não existia uma preocupação dos moradores em preservar o templo; 20% que os moradores eram tradicionais e buscavam conservar a igreja.

Um dos objetivos deste trabalho era entender por que a igreja de Nossa Senhora do Rosário ficou tanto tempo fechada. Perguntamos então qual era o motivo dessa interrupção e 100% responderam não ter conhecimento do motivo.

Quando fizemos o quinto questionamento queríamos saber sobre a identificação dos “vizinhos” com o templo, se as pessoas se identificam com aquele espaço sagrado. A resposta foi bem equilibrada e 50% disseram que sim, que existia uma identificação com o espaço sagrado²⁵ e a outra metade, os 50% responderam que não.

²⁴ A tendência a que nos referimos aqui é algo até simples de explicar, o espanto em torno da nossa presença para a realização desta pesquisa causava um certo desconforto aos nossos entrevistados, nos pareceu que as respostas eram dadas só para que a entrevista acabasse o quanto antes; nós tentamos explicar a importância e a seriedade do trabalho, mas a desconfiança era uma barreira a nosso estudo. Quando perguntávamos sobre segregação racial ou social a pergunta causava um desconforto extremamente visível em todos os entrevistados. Lidar com assunto tão delicado é quase um ‘atestado de loucura’, a resposta negativa de 100% do grupo de dez, quando estes se dizem sem preconceitos e que a comunidade esta aberta a todos os grupos sociais e étnicos indica de certa forma a responsabilidade individual de se eximir do problema, era necessário um debate mais amplo com a comunidade sobre o tema.

²⁵ Para Saber Mais Sobre Identificação e Espaços de Memória ver os estudos de NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares, 1993.

Figura 4 - vista da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Ano 2009.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

E por último, o questionamento mais polêmico, que ao ser pronunciado causava o espanto dos entrevistados. Ainda existe segregação de “raça”? A resposta foi 100% não. “A igreja hoje abriga todos os moradores do bairro da Cidade Alta”, nos respondeu um morador do local e espectador da missa dominical.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter a oportunidade de estudar este espaço de memória social foi gratificante, pois podemos refletir e contribuir com a historiografia local. Poder entender como funciona os “mecanismos” das lembranças das pessoas é entender que a paisagem não é a mesma, as cores mudaram, a cidade cresceu, os lugares são outros, e que a cidade e o patrimônio mudam, não os mesmo de outrora²⁶.

Muitos das nossas inquietações ficaram sem respostas, percebemos que é necessário um aprofundamento nos estudos, e novas pesquisas precisam ser realizadas a nível de graduação e pós-graduação, para continuar ou mesmo revisar e corrigir erros

²⁶ A memória mantém a unidade, reconstrói os lugares e as sociedades, “a memória, que põe a tônica nos aspectos de estruturação, nas atividades de auto-organização. Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstrói” (LE GOFF, p. 424, 1996).

cometidos por nós, pois como sabemos o conhecimento histórico não é acabado, ele está sempre em movimento, são várias as versões e atualizações históricas.

Ao abrir a caixa de Pandora, e buscar desvendar uma história que não tem registro tivemos a oportunidade de estudar um patrimônio artístico lindo, uma beleza singela, fria, polida e colonial. Entendemos que o espaço pesquisado era no período colonial ocupado por negros escravos que estavam resistindo e as adversidades da sociedade colonial, na contemporaneidade, é ocupado por um grupo social misto, feito por vários “tipos de gente”, onde são praticados ritos religiosos da elite local, pois durante as missas ocorrem o rito Católico Tridentino Romano. Acontecendo assim, uma inversão social/religiosa, pois onde antes eram realizados ritos sincréticos africanos e católicos, hoje acontece um rito religioso Latino, típico do catolicismo do colonizador - onde antes era um espaço de segregação socioracial agora serve às elites locais.

O tempo passa e os espaços são ressignificados. Por tudo o que foi dito, podemos perceber claramente uma mudança nas mentalidades.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Raimundo P. Alencar.; ROCHA, Raimundo N. A. da.; VIANA, Hélder do Nascimento. (Org). **A Intendência e a cidade**: fontes para o estudo da gestão da cidade de Natal (1892 a 1919). Natal: EDUFRN, 2012.
- BANDEIRA, Julho. & LAGO, Pedro Corrêa do. **Debret e o Brasil**: obra completa: 1816-1831. 3ª ed.- Rio de Janeiro: Editora Capivara. 2009.
- BORGES, Cláudia Cristina do Lago. **Mneme** – revista de humanidades. UFRN. Caicó (RN), v.9. n°. 24, set/out. 2008. ISSN 1518-3394. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais.
- BUENO, Almir de Carvalho (Org.). **Revisitando a história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2009.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, p. 101-117. 1999.
- _____. **A casa de Cunhaú**: história e genealogia. Brasília: Editora do Senado Federal. 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução, Prefácio e Comentários de CASCUDO, Luis da Câmara. 12ª. Ed. Rio de Janeiro-São Paulo-Fortaleza: ABC Editora: 2003.
- LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: **História e memória**. 4.ed. Campinas: Educamp, p. 423-481. 1996.

LIMA, Pedro de. **Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal**. Natal: EDUFRN, 2006.

LYRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. Brasília: Ed. do Senado Federal. 2012.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005.

MACEDO, Helder A. M. de.; SANTOS, Rosenilson da Silva. (Org.). **Capitania do Rio Grande: histórias e colonização na América portuguesa**. João Pessoa: Ideia; Natal: EDUFRN, 2013.

MARIZ, Marlene da Silva. **História do Rio Grande do Norte**. 2º Ed. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2005.

MEIHY, José C. Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6º ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 4º Ed. Natal: Editora Flor do Sal, 2015.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência Religiosa: entre a Capela e o Calundu *In: História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NESI, Jeanne Fonseca Leite. **Caminhos de Natal**. Natal: IHGRN, 1997.

_____. **Natal Monumental**. Natal: Fundação José Augusto, APEC, 1994.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, p. 7-33, 1996.

SANTOS, Francisco José Alves dos. Espaço e distintividade: igreja de Nossa Senhora do Rosário de Estância, igreja de elite. **Revista Geonordeste**, ano II, nº. 2, p. 63-68, 1985.

SANCHIS, Pierre. **As Tramas Sincréticas da História: sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro**. Acesso no google acadêmico em 18/11/2018.

OLIVEIRA, Margarida M. Dias de. **Parâmetros Curriculares Nacionais: suas ideias sobre história** *In: OLIVEIRA, Margarida M. Dias de. & STAMATTO, Maria I. Sucupira. (org.)* Natal: EDUFRN, 2007.

(Recebido em novembro de 2019; aceito em fevereiro de 2020)

ANEXOS

ENTREVISTA SOCIOCULTURAL

SEXO: () MASCULINO () FEMININO

IDADE:

ONDE VOCÊ MORA?

- a) () CIDADE ALTA
- b) () ALECRIM
- c) () PASSO DA PÁTRIA
- d) () RIBEIRA
- e) () OUTRO

1. Qual a importância deste espaço sagrado/social para a sua memória?

() ME IDENTIFICO () NÃO ME IDENTIFICO () RESPEITO

() ME FAZ LEMBRAR COISAS BOAS

2. Como você percebe ou caracteriza a sociedade do entorno da igreja?

() SÃO TRADICIONAIS () NÃO SE IMPORTAM COM A IGREJA

3. Você conhece alguma irmandade religiosa que ainda existe aqui na igreja do Rosário?

() SIM CONHEÇO, QUAL? _____ () NÃO

4. Você conhece o motivo pelo qual a igreja passou tanto tempo fechada?

() NÃO () SIM, QUAL? _____

() FALTA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MORADORES DO ENTORNO

5. Você percebe que as pessoas se identificam com este espaço sagrado, o da igreja do Rosário?

() SIM () NÃO

6. Ainda existe uma segregação “racial” ou social nesta igreja?

() SIM () NÃO EXISTE